

# Analistas preveem dificuldades para Hollande

Presidente eleito da França prometeu agenda de crescimento e controle de gastos, mas economistas acham pouco provável

**Deborah Berlinck**  
deborah.berlinck@oglobo.com.br  
Correspondente

● GENEVRA. Se cumprir rigorosamente o que prometeu na campanha, o primeiro ato do novo presidente da França, François Hollande, ao assumir o comando do país no dia 15 será cortar o seu próprio salário em 30%, assim como o de todos os ministros. Hollande — que se auto-proclamou “Monsieur Normal”, isto é, um francês como os outros — reconheceu que não é assim que vai reduzir o déficit público do país. Mas, diante de um rival como o presidente derrotado Nicolas Sarkozy, que aumentou seu salário em 170% em plena crise, Hollande quer imprimir um novo estilo:

— Há um momento em que é preciso mostrar que o comportamento no topo do Estado é exemplar — disse à televisão TF2, em plena campanha.

É esse o homem que vai comandar a quinta maior economia do mundo nos próximos cinco anos, num momento de crise particularmente dramático para a Europa. Hollande assume um país com pouca margem de manobra. A França é a segunda maior economia do bloco europeu, atrás apenas da Alemanha.

## Hollande promete fortalecer o Estado

O novo presidente promete salvar o chamado modelo francês, centrado no Estado, contestando a receita alemã de austeridade e disciplina. Ele diz que vai reduzir o déficit da França de 5,2% do Produto Interno Bruto (PIB) para 3% em 2013, como exige a União Europeia (UE). Mas fará isso taxando, sobretudo, o capital. Sua equipe calculou em € 30 bilhões a coleta de imposto novo, que será extraído, essencialmente, dos ricos e das grandes empresas. A medida causa tremores em analistas do mercado, que temem fuga de capital.

Hollande também se recusa a cortar drasticamente os gastos, uma fórmula que os socialistas dizem estar levando outros europeus à recessão. Mas promete diminuir o ritmo do crescimento dos gastos: em vez de 1,7% ao ano, os gastos vão aumentar em 1,1% ao ano. O inglês Charles Grant, diretor do Centre for European Reform, em Londres, não descarta a França cair mais um



HOLLANDE CHEGA em seu apartamento em Paris: meta de reduzir dívida dos atuais 90% para 80% do PIB

degrau na classificação das agências de risco:

— Ninguém sabe o que ele vai fazer com a economia. Os dois postos-chaves de seu governo serão o primeiro-ministro e o ministro das Finanças. Se ele nomear moderados, ok. Mas se ceder às suas pulsões de extrema esquerda, a França vai perder outro “A” (das agências de risco) muito rapidamente e ter problemas sérios — prevê.

Hollande promete equilíbrio das contas públicas no fim de 2017, o que seria a primeira vez desde 1974. Poucos no mercado acreditam:

— Atingir o déficit zero em 2017 é um cálculo com base em previsões de crescimento ambiciosas. Nós não pensamos que sejam viáveis sem reformas estruturais rápidas sobre as quais os socialistas estão totalmente silenciosos — disse Gilles Moec, do Deutsche Bank, à Reuters.

O novo presidente acrescenta que vai reduzir a dívida francesa dos atuais 90% para 80% do PIB no mesmo período. Até que ponto isso é realista? Para o economista Francesco Saraceno, do Observatório Francês de Conjunturas Econômicas (OFCE), a economia francesa não vai tão mal quanto alguns críticos dizem, pois tem política industrial, inovação e produtividade:

— O grande desafio para a França e a Europa é crescimento. E isso, a curto prazo, só pode ser obtido se os países da Europa que podem sustentar demanda e aceitar inflação maior o fizerem. Já os países do Sul, que não podem (Grécia, Portugal, Espanha, Itália), devem continuar fazendo ajustes, mas num período maior. E eu não aconselharia países que estão no meio, como a França, a elevarem seu déficit.

## Maior desafio é a crise na zona do euro

Hollande diz que a França vai crescer 0,5% este ano, 1,7% em 2013, 2% em 2014 e 2% a 2,5% em 2015. Mas Saraceno ironiza:

— Não tem sentido comentar projeções de dois anos. Em dois ou três anos, podemos nem ter mais o euro.

O desemprego é um dos grandes problemas para o novo presidente: 10%, a maior taxa desde 1999. Hollande promete um leque de medidas, que vão da con-

tratação de funcionários públicos ao apoio às pequenas e médias empresas. No dia de sua eleição, ele mencionou os jovens — os que mais sofrem com o desemprego. Nos bairros pobres da periferia das grandes cidades francesas, o desemprego entre jovens pode chegar a mais de 40%. Para isso, ele prometeu criar um “contrato de geração” — isto é, incentivos às empresas que empregam jovens, ao mesmo tempo em que conservam os funcionários mais velhos.

Mas o primeiro desafio de Hollande, diz Bruno Cauprès, cientista político do Sciences-Po, em Paris, vai ser a crise europeia. Saraceno concorda:

— Há muito pouco o que Hollande possa fazer sozinho. Nenhum governo europeu hoje tem margem de manobra para mudar a situação sozinho.

O que se verá a partir de agora é uma queda de braço entre partidários da austeridade, liderados pela Alemanha, e os defensores do crescimento, tendo à frente a França de Hollande. ■

● BLOCO CONTRA A AUSTERIDADE, na página 27

## Esses europeus revoltosos

Paul Krugman

● Os franceses estão em revolta. Os gregos, também. E já era hora. Ambos os países fizeram eleições no domingo, que foram um referendo sobre a atual estratégia econômica europeia. E, nos dois países, os eleitores apontaram o polegar para baixo. Ainda é cedo para especular quando os eleitores vão provocar mudanças nas políticas atuais, mas o prazo está claramente esgotando para a estratégia de recuperação por meio de austeridade — e isso é bom.

Não é preciso dizer que não foi isso o que se ouviu dos suspeitos de sempre na campanha eleitoral. Foi até engraçado ver os apóstolos da ortodoxia pintando o cauteloso e sereno François Hollande como uma figura ameaçadora. Ele é “bastante perigoso”, declarou a revista “The Economist”, ressaltando que ele “genuinamente crê na necessidade de criar uma sociedade mais justa”. *Quelle horreur!*

A vitória de Hollande significa o fim do “Merkozy”, o eixo franco-germano que impôs o regime de austeridade nos últimos dois anos. Hollande seria “perigoso” se aquela estratégia estivesse funcionando. Mas não está; e é hora de seguir adiante. Os eleitores europeus, viu-se, são sábios.

O que está errado com a receita de cortar gastos como remédio para as doenças da Europa? Uma resposta é que não existe a fada da confiança — ou seja, o argumento de que cortar os gastos dos governos iria de algum modo encorajar consumidores e empresas a gastarem mais foi completamente refutado pela realidade dos últimos dois anos. Cortar gastos numa economia deprimida só aprofunda a depressão.

Além disso, há muito pouco a ganhar com o sacrifício. Veja o caso da Irlanda, que se impôs uma implacável austeridade para tentar reconquistar o favor dos mercados de títulos soberanos. Segundo a ortodoxia dominante, isso deve-

ria funcionar. Na verdade, a fé é tão grande que a elite política europeia vive proclamando que a economia irlandesa começou a se recuperar. Mas não é verdade. E, embora não se fale muito sobre isso na imprensa, os custos de financiamento da Irlanda continuam muito mais altos que os de Espanha ou Itália. O que fazer?

Uma resposta seria quebrar o euro, a moeda comum europeia. A Europa não estaria nessa situação se a Grécia ainda tivesse o seu dracma; a Espanha, a peseta, e por aí. Porque Grécia e Espanha teriam o que hoje lhes falta: uma forma rápida de recompor a competitividade e estimular as exportações, desvalorizando.

Como contraponto à Irlanda, considere o caso da Islândia, que foi o *ground zero* da crise financeira, mas conseguiu reagir desvalorizando sua moeda, a coroa islandesa, além da coragem de deixar seus bancos falirem ou decretarem o calote. Resultado: Islândia está vivendo a recuperação que a Irlanda deveria ter tido, mas não teve.

Mas quebrar o euro seria traumático, além de representar uma imensa derrota para o “projeto europeu”, o esforço para promover paz e democracia por meio da integração. Há outra opção? Sim, há — e os alemães mostraram como esse caminho pode funcionar. Infelizmente, eles não compreendem as lições de sua própria experiência.

Quando sua economia estava em crise no início da década passada, conseguiram se recuperar por meio da acumulação de um alto superávit comercial. Os países europeus em crise agora poderiam repetir o sucesso alemão, se o resto da Europa, sobretudo a Alemanha, experimentasse um pouco de inflação. A experiência alemã é um argumento para que o Banco Central Europeu pare com sua obsessão com inflação e se concentre no crescimento.

PAUL KRUGMAN é colunista do “New York Times”. Tradução de Paulo Thiago de Mello



Facilitar a vida da sua mãe...

é dizer, sem palavras, eu amo você.

A Dell recomenda o Windows® 7.



The power to do more



## Inspiron™ 14

- Segunda Geração do Processador Intel® Core™ i3
- Windows® 7 Home Basic original
- 4 GB de memória e HD de 500 GB
- 1 ano de garantia em domicílio<sup>(1)</sup>
- 1 ano e 3 meses de McAfee Security Center
- Compre o Pacote Microsoft® Office 2010 para ativar o software pré-carregado

De R\$ 1.749

Por R\$ 1.549 à vista

Ou 10x de R\$ 154,90 sem juros nos cartões

Confira as condições de frete

VOCÊ E SEU DELL PRONTOS PARA TUDO. Aproveite ao máximo a tecnologia do seu dia a dia com as soluções Dell.

Garantia em domicílio: após diagnóstico remoto, um técnico Dell vai até a sua casa solucionar o problema.

Pacote Microsoft® Office Home and Student 2010 por 10x de R\$ 13,90 sem juros nos cartões.

Microsoft® Office Word® 2010. Ferramentas poderosas de texto que ajudam você a criar documentos incríveis, armazenar, editar e compartilhar o seu trabalho facilmente na web.

Consulte um especialista da Dell.

dell.com.br ou 0800 722 3478

De segunda a sexta, das 8h às 20h, e sábado, das 9h às 18h.

A oferta é válida até 10/05/2012, limitada a 03 unidades para pessoa física, seja por aquisição direta e/ou entrega a ordem, que não tenha adquirido equipamentos Dell nos últimos 04 meses, e a 05 unidades para pessoa jurídica ou grupo de empresas com até 500 funcionários registrados. Os serviços de suporte pós-garantia e demais serviços serão faturados em nota fiscal específica de prestação de serviço. Preços com impostos para a cidade de São Paulo. As ofertas podem ser adquiridas através de Cartão de Crédito das operadoras Visa, MasterCard, American Express, Hipercard ou Diners. Frete não incluso, ligue e confira as condições de frete. Para mais detalhes sobre a promoção e outras condições de pagamento, consulte o seu representante de vendas ou visite o site www.dell.com.br. Empresa beneficiária pela Lei de Informática. Fotos meramente ilustrativas. 1 – Plano de Serviços: para mais informações, acesse www.dell.com.br/planoedeservicos. Garantia total (legal + contratual) de 01 ano, inclui peças e mão de obra, restrita aos produtos Dell. Produtos e softwares de outras marcas estão sujeitos aos termos de garantia dos respectivos fabricantes, conforme o respectivo site. Para mais detalhes sobre a garantia do seu equipamento, consulte o seu representante de vendas ou visite o site www.dell.com.br. Celeron, Celeron Inside, Core Inside, Intel, Logotipo Intel, Intel Atom, Intel Atom Inside, Intel Core, Intel Core Inside, Logotipo Intel Inside, Intel vPro, Itanium, Itanium Inside, Pentium, Pentium Inside, vPro Inside, Xeon, e Xeon Inside são marcas registradas da Intel Corporation nos Estados Unidos e em outros países. Microsoft e Windows são marcas registradas da Microsoft Corporation nos EUA. © 2012 Dell Inc. Todos os direitos reservados.